



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI – UESPI
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – NEAD
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS- CCHL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS
POLO MONSENHOR GIL – TERESINA-PI

ANDRESSA INÁCIO DE CARVALHO

**A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL NO ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA**

**TERESINA-PI
JAN / 2025**

ANDRESSA INÁCIO DE CARVALHO

**A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL NO ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA**

Monografia apresentada ao curso de Letras Inglês, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Orientador: Prof. Esp. João Vieira da Silva Junior.

**TERESINA-PI
JAN / 2025**

C331m Carvalho, Andressa Inácio de.

A música como recurso didático não convencional no ensino de
língua inglesa / Andressa Inácio de Carvalho. - 2025.
43f.: il.

Monografia (graduação) - Núcleo de Educação à Distância - NEAD,
da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras
Inglês, Monsenhor Gil-PI, 2025.

"Orientador: Prof. Esp. João Vieira da Silva Junior".

1. Música. 2. Metodologia Inovadora. 3. Motivação. I. Silva
Junior, João Vieira da . II. Título.

CDD 420

ANDRESSA INÁCIO DE CARVALHO

**A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL NO ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA**

Monografia apresentada ao curso de Letras Inglês, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Orientador: Prof. Esp. João Vieira da Silva Junior.

Aprovado em: ____/____/____

Orientador: Prof. João Vieira da Silva Junior
Especialista em EAD e Novas Tecnologias Educacionais

Examinador(a) 1: Profa. Meirydianne Chrystina de Almeida S. Silva
Profª. Mestra em Letras - UESPI

Examinador(a) 2: Tiago de Sales do Nascimento
Prof. Esp. em Língua Inglesa - FAVENI

Commit to the LORD whatever you do,
and he will establish your plans.

Proverbs 16:3

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui, por ter me concedido sabedoria, discernimento e paciência para finalizar o curso com sucesso. E por todas as vezes que pensei que não fosse capaz o suficiente, Ele ter me mostrado que com Ele tudo é possível, até mesmo aquilo que parece não ter solução.

Agradeço aos meus maiores exemplos de força, fé e dedicação: Minha mãe Francilene e meu pai Paulo. Sem eles eu nada seria. Eles sempre me apoiaram nos estudos e em cada decisão que tomei. Sempre foram meu maior alicerce aqui na terra. A eles eu devo toda a gratidão do mundo.

Aos meus adoráveis irmãos Paulo Enzo, Vanessa e Gabriela, que também serviram de inspiração e motivação durante toda essa trajetória, sempre me incentivando a prosseguir, a confiar no processo que, apesar de árduo, o final é sempre satisfatório e agradável.

A minha falecida avó Maria. Infelizmente ela não pode me ver chegar aonde estou agora. Mas sei que ela estaria orgulhosa de mim pelas minhas conquistas e seria, sem dúvidas, a primeira a me aplaudir. Eu te amo “vó”, seu legado será eterno.

Aos meus amados amigos Glaydson e Thiago que me apoiaram do começo ao fim, me incentivando a sempre dar o meu melhor, dando o suporte necessário para que eu alcançasse meus objetivos, e principalmente, torcerem pela realização dos meus sonhos.

As minhas amigas Márcia, Cíntia e Anny, que foram minhas companheiras de estudos desde o início do curso. Obrigada por todos os trabalhos que apresentamos, todas as conversas e trocas de conhecimentos. Finalmente chegou o grande dia em que olharemos umas para as outras e diremos: CONSEGUIMOS!!

Ao meu orientador, Prof. João Júnior, pela sua inestimável orientação, apoio e incentivo durante todo o processo de elaboração deste TCC, pela paciência e por todas as vezes que, durante o curso, incentivou cada aluno a não desistir.

E por fim, agradeço à UESPI e ao NEAD por permitirem que eu realizasse meu sonho de cursar Letras Inglês e pelo acesso aos recursos necessários que foram essenciais ao longo da minha formação.

RESUMO

A música como recurso didático não convencional no ensino de Língua Inglesa tem como objetivo analisar como a música pode ser utilizada como recurso didático não convencional no ensino de língua inglesa. A problemática da pesquisa é: Como a música pode ser implementada como um recurso didático não convencional no ensino de língua inglesa, promovendo um ambiente de aprendizado menos maçante aos alunos? O objetivo geral do estudo inclui: Analisar como a música pode ser utilizada como um recurso didático não convencional no ensino de língua inglesa, visando tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e motivador para os alunos. Os objetivos específicos que direcionam a pesquisa são: Descrever a evolução do ensino da Língua Inglesa no Brasil; identificar os métodos existentes na educação da Língua Inglesa na sala de aula; analisar como a música pode auxiliar na aprendizagem dos alunos na disciplina de Língua Inglesa no ensino regular; propor sugestões para educadores sobre a integração da música nas aulas de língua inglesa, visando a melhoria do engajamento e da motivação dos alunos. A fundamentação teórica será baseada em autores como Murphey (1992), Vygotsky (1986) e Krashen (1982), que discutem o impacto positivo da música na aprendizagem. A pesquisa será de abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, utilizando metodologia bibliográfica. Espera-se que a pesquisa contribua para a implementação de práticas pedagógicas inovadoras, promovendo um ensino de inglês mais eficaz e motivador.

Palavras-chave: música. ensino de inglês. motivação. aprendizagem. metodologia inovadora.

ABSTRACT

The use of music as a non-conventional didactic resource in English language teaching aims to analyze how music can be utilized as a non-conventional teaching tool in English language instruction. The research subject is: How can music be implemented as a non-conventional didactic resource in English language teaching, fostering a less monotonous learning environment for students? The general objective of the study includes: Analyzing how music can be used as a non-conventional didactic resource in English language teaching to make the learning process more dynamic and motivating for students. The specific objectives guiding the research are: Describing the evolution of English language teaching in Brazil; identifying the existing methods in English language education in the classroom; analyzing how music can aid students' learning in the English language subject in regular education; proposing suggestions for educators on integrating music into English classes to enhance student engagement and motivation. The theoretical foundation will be based on authors such as Murphey (1992), Vygotsky (1986), and Krashen (1982), who discuss the positive impact of music on learning. The research will adopt a qualitative approach with an exploratory objective, using bibliographic methodology. It is expected that the research will contribute to the implementation of innovative pedagogical practices, promoting more effective and motivating English language teaching.

Key-words: music. English teaching. motivation. learning. innovative methodology.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Linha de tempo do percurso da música	23
Figura 2 – Fluxograma das etapas desenvolvidas na pesquisa	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A MÚSICA COMO ESTÍMULO À PRODUÇÃO ORAL.....	19
3 PERCURSO DA MÚSICA COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO AO LONGO DA HISTÓRIA	23
3.1 A MÚSICA NA IDADE MÉDIA	24
3.2 A MÚSICA NO RENASCIMENTO	27
3.3 A MÚSICA NO ILUMINISMO	28
3.4 A MÚSICA NO ENSINO CONTEMPORÂNEO.....	29
4 CHUNCK OF LANGUAGE COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA NA AULA DE LÍNGUA INGLESA: UMA ABORDAGEM COMUNICATIVA	32
4.1 A ABORDAGEM COMUNICATIVA	34
4.2 VYGOTSKY E O SOCIOINTERACIONISMO	36
4.3 O PAPEL DO DOCENTE E O USO DE CHUNCK OF LANGUAGES NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
7 REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem-se considerado um aumento significativo na busca por novas metodologias de ensino que tornem as aulas de línguas estrangeiras mais criativas e envolventes, principalmente da língua inglesa, que se consolidou uma língua global no século XX. Nesse cenário, a música tem se destacado como uma alternativa não convencional, embora as músicas sejam reconhecidas como ferramentas populares e eficientes na educação, seu potencial pedagógico ainda não é significativamente explorado e desenvolvido (FRIEFERIKE TEGGE; 2017). A utilização de materiais limitados e o foco na gramática e tradução literal, tem contribuído para aulas monótonas e desmotivadoras, fazendo com que o estudo do idioma alvo seja visto como algo ineficaz e irrisório. Sendo assim, explorar a música como um recurso didático não convencional pode ser inovador e representa uma oportunidade de repensar as práticas tradicionais que além de enriquecer o ensino de inglês, o tornará mais atrativo e significativo para os estudantes.

O trabalho visa responder ao seguinte problema de pesquisa: Como a música pode ser implementada como um recurso didático não convencional no ensino de língua inglesa, promovendo um ambiente de aprendizado menos maçante aos alunos?

O objetivo geral deste estudo é analisar como a música pode ser utilizada como um recurso didático não convencional no ensino de língua inglesa, visando tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e motivador para os alunos. Sendo assim, para alcançar esse propósito foram definidos os seguintes objetivos específicos, descrever brevemente a evolução da música ao longo dos anos; identificar os métodos existentes na educação da Língua Inglesa na sala de aula; analisar como a música pode auxiliar na aprendizagem dos alunos na disciplina de Língua Inglesa; propor sugestões para educadores sobre a integração da música nas aulas de língua inglesa, visando a melhoria do engajamento e da motivação dos alunos.

O tema em questão é relevante, porque as metodologias tradicionais, centradas em gramática e tradução literal, muitas vezes desmotivam os alunos, enquanto a inclusão da música pode estimular o interesse e facilitar a absorção do conteúdo. Do ponto de vista pessoal, a relevância da música no ensino de inglês é sustentada por experiências vividas. Do ponto de vista acadêmico, não foram encontrados muitos

materiais que abordassem este assunto em estudo, o que representa uma lacuna sobre a temática no cenário acadêmico e que possibilita discussões a respeito do tema em análise, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento científico. E quanto ao campo profissional, nos livros didáticos não são oferecidas muitas instruções para os docentes trabalharem com este tipo de metodologias com os alunos.

A fundamentação teórica deste presente estudo se baseia em autores que destacam a importância da música como recurso didático e sua preponderância no aprendizado de línguas. Murphey (1992) é um dos pioneiros a explorar o uso da música para facilitar a memorização e criar um ambiente de aula mais descontraído e interativo, defendendo que músicas ajudam na retenção de vocabulário e estruturas gramaticais. Vygotsky (1986) suas ideias são fundamentais para a construção de práticas pedagógicas que incentivem a interação social, a resolução de problemas e o desenvolvimento das potencialidades cognitivas dos alunos de maneira contextualizada e colaborativa. Krashen (1982), defende que para que um indivíduo faça uma aquisição de uma segunda língua e torne-a mais eficiente, ele precisa ter uma exposição significativa e natural ao idioma, e não optar por métodos tradicionais focados em gramática. Esses autores fundamentam a pesquisa ao oferecer bases teóricas e empíricas sobre os benefícios e limitações da música como uma estratégia eficaz no ensino de inglês.

A pesquisa em desenvolvimento baseia-se na abordagem qualitativa, pois pretende-se adentrar à temática da música no ensino de Língua Inglesa. Essa abordagem consiste em questões muito particulares, pois ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado (MINAYO, 2009). Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, que consiste em material já publicado, principalmente de livros, publicações de periódicos, artigos científicos, dentre outros (PRODANOV; FREITAS, 2013). Quanto a classificação com base nos objetivos essa pesquisa é do tipo exploratória, pois o pesquisador precisa se familiarizar com o objeto de estudo. A pesquisa exploratória tem por finalidade proporcionar informações sobre assuntos a serem investigados, possibilitando sua definição e seu delineamento para facilitar a delimitação do tema da pesquisa. Esse tipo de pesquisa utiliza levantamento bibliográficos e análise de exemplos que estimulem a compreensão (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Desta forma, espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas que integrem a música como recurso didático no ensino de inglês.

2 A MÚSICA COMO ESTÍMULO À PRODUÇÃO ORAL

Desde os primórdios da história, a música tem exercido um papel essencial na transmissão do conhecimento cultural e no desenvolvimento da oralidade humana. O ser humano, por sua própria natureza, revela uma relação intrínseca com a música, a qual se manifesta desde os estágios iniciais da vida e permanece ao longo de todas as etapas de seu desenvolvimento. A começar pelo trovadorismo, quando eles usavam as cantigas para estimular a produção oral dos indivíduos, e esta prática fez com que a comunicação entre ambos fosse então revolucionada. Naquela época, a música era vista como uma ferramenta de extrema importância na formação do ser humano como um todo. Afinal, qualquer tipo de expressão comunicativa executada em tempo real contribui significativamente e diretamente com os participantes. Zumthor (2007, p. 30) esclarece:

Para eles, cujo objeto de estudo é uma manifestação cultural lúdica, não importa de que ordem (conto, canção, rito, dança), a performance é sempre constitutiva da forma. Se um fato observado em performance é, por motivos práticos, transmitido, como objeto científico, por impressão ou conferência, então de maneira indireta e segunda, a forma se quebra. Neste sentido, a performance é para esses etnólogos uma noção central no estudo da comunicação oral (ZUMTHOR, 2007, p. 30).

Em vista disso, percebe-se que a performance discutida por Zumthor (2007) não está diretamente relacionada à execução do ato, mas principalmente à forma como é recebida e interpretada pelo público. Ou seja, a forma como a mensagem é entregue desempenha um papel fundamental na criação do significado. Sendo assim, a música proporciona benefícios que estão diretamente ligados a este sentido que, não apenas transmite o idioma, mas cria significados que envolvem cultura, emoções, contexto e interação.

Por certo, as cantigas que eram compostas pelos trovadores da época, facilitavam a interação social e promoviam a expressão oral de ideias, emoções e críticas aos contextos sociais. Contudo, não apenas revigoraram a tradição oral, mas também serviram como ferramenta de memória coletiva, pois a cantiga por sua natureza repetitiva e melódica facilitava a retenção do conteúdo, consolidando-se como um dos principais meios de transmissão cultural em uma época em que a alfabetização era privilégio de poucos.

Semelhantemente, assim como na cultura passada, a música tem sido importante também para os gregos, pois para tais a música não era somente para obtenção de conhecimento, mas mormente para transformar o caráter e o desenvolvimento moral dos indivíduos, ao contrário dos trovadores. Os gregos costumeiramente atribuíam a música aos deuses, pois para eles este era o elo perfeito para alcançar a perfeição. Segundo Loureiro (2001):

A paixão dos gregos pela música fez com que, desde os primórdios da civilização, ela se tornasse uma arte, uma maneira de pensar e de ser. Desde a infância eles aprendiam o canto como algo capaz de educar e de ser. O músico era visto por eles como o guardião de uma ciência e de uma técnica, e seu saber e seu talento precisavam ser desenvolvidos pelo estudo e pelo exercício. O reconhecimento do valor formativo da música fez com que surgissem, neste país, as primeiras preocupações com a pedagogia da música (LOUREIRO, 2001, p. 36).

Por analogia, ao observar as semelhanças e a importância da música nessas duas culturas tão distintas, é factível pautar que o desempenho da música como material lúdico na educação tem contribuído de maneira substancial para a formação geral dos indivíduos. Haja vista que, a música esteve presente em todas as épocas como um meio não só de interlocução, mas também de educação, algo que continua a ser válido até os dias de hoje.

Platão em seu livro 'A República' argumenta que a música desempenha um papel crucial na educação, especialmente no desenvolvimento moral e no cultivo das virtudes essenciais para a construção de uma sociedade justa. Ele acredita que a música tem o poder de influenciar a alma e de moldar o caráter dos indivíduos, o que, por sua vez, impacta diretamente o bem-estar da sociedade.

E não será essa a razão, Gláucon, da educação na música e na poesia ser sumamente importante, porquanto ritmo e harmonia permeiam o interior da alma mais do que qualquer outra coisa, afetando-a com máxima intensidade e conferindo-lhe graça ou elegância, de modo e que, se alguém for adequadamente educado na música e poesia, isso o tornará gracioso – mas se não o for, o resultado será o oposto? Ademais, porque qualquer pessoa que tenha sido corretamente educada na música e poesia terá uma aguda percepção diante de uma omissão de alguma coisa e se esta não tiver sido belamente confeccionada ou belamente produzida pela natureza (PLATÃO, 2020, p.126).

Ressaltando o que foi dito anteriormente sobre os gregos, para o filósofo Platão, a música também fornecia um poder evidente na construção do moralismo do ser humano. Platão, por meio do diálogo com Gláucon, destaca que a educação

musical tem um efeito profundo na alma humana, influenciando diretamente o comportamento e a percepção estética de um indivíduo. Através da música e da poesia, o ser humano é moldado para ter graça, elegância e uma percepção refinada da beleza, o que é essencial para o desenvolvimento de virtudes como a temperança, a justiça e a coragem.

Afinal, a música não é meramente uma letra composta por um ritmo vago e sem sentido, ela é uma fonte que desbrava sabedoria, sentimentos e conexão. Nietzsche, em 'O crepúsculo dos ídolos' afirma que 'sem a música a vida seria um erro' (NIETZSCHE, 2001, p.11). Assim sendo, para ele, a música possui um poder extraordinário capaz de conectar as emoções humanas, possibilitando a eles uma experiência de vida enriquecedora. Por isso, desde tempos remotos, a musicalidade tem sido considerada indispensável no ensino integral do ser humano.

Howard Gardner (2002), em 'Estrutura da mente' confirma tal raciocínio quando declara:

Refiro-me, evidentemente, à inteligência musical — as capacidades de indivíduos de discernir significado e importância em conjuntos de sons ritmicamente organizados e também de produzir tais sequências de sons metricamente organizadas como um meio de comunicar-se com outros indivíduos. (GARDNER, 2002, p. 76)

Para Gardner (2002), a inteligência musical é uma das formas de expressão e percepção humana mais precoces, sendo desenvolvida desde os primeiros meses de vida. Portanto, ele afirma que, quando a música é exposta em idade precoce, a criança tem mais chances de aprimorar habilidades relacionadas à comunicação, percepção e organização de padrões sonoros, elementos fundamentais tanto para a linguagem quanto para a expressão emocional. Na sequência, Gardner (2002) também diz que as capacidades musicais são mediadas por partes separadas do sistema nervoso e consistem em conjuntos separados de competência. Ou seja, isso só reforça a ideia de que a música é uma forma de inteligência única. Dito isso, na infância a aplicação de melodias na educação favorece no desenvolvimento da fala, pois ao mesmo tempo que a criança nota que além da melodia há ritmos, ela passa a reproduzi-los tornando o processo de aprendizagem mais frenético.

Piaget (1999) revela que na primeira infância: de dois a sete anos, a criança passa a apresentar um comportamento egocêntrico onde ela decorre de uma repetição que é um mecanismo extremamente importante para a evolução mental. Por

consequente, Krashen (1985), em ‘A teoria do Input’¹ aborda que a repetição involuntária pode ser resultado do “processo de aquisição da língua de Chomsky”. Através disso, compreende-se que este mecanismo de repetição favorece no desenvolvimento cognitivo fazendo com que ao cantar uma determinada canção, esta técnica seja provida especificamente pela melodia, aprimorando o poder imaginário, atenção e linguagem.

Krashen (1985) sugere que esta repetição involuntária pode ser a manifestação do “processo de aquisição da língua de Chomsky”. Parece que nosso cérebro tem uma condição natural de repetir o que ouvimos em nosso ambiente para nos habilitar à compreensão. As canções podem fortemente ativar o mecanismo de repetição do processo de aquisição da língua (SÁ, 2011, *apud* SILVA *et al.* 2020, p. 164).

Haja vista, é viável destacar a importância da música enquanto recurso didático no processo educacional do indivíduo, tendo em vista que, esta técnica de caráter repetitivo contribuirá na propagação de conhecimento do receptor. Entretanto, para que esta estratégia seja aplicada positivamente, o mediador terá que adotar uma conduta lúdica para que o método se torne mais descontraído para os aprendizes, como era feito nas culturas abordadas anteriormente.

Na educação moderna, é notório que muitas práticas foram revolucionadas e outras até mesmo abolidas para que as pessoas tivessem acesso a uma formação mais ampla e inclusiva. Em contrapartida, a música ainda é subestimada em sua capacidade de contribuir para o desenvolvimento do indivíduo. Essa resistência, por vezes, decorre de uma visão limitada sobre o papel da música, que ainda é considerada por muitos apenas uma forma de entretenimento. Contudo, a música tem-se mostrado uma das ferramentas mais adequadas e importantes no ensino e principalmente para o estímulo da produção oral.

¹ input é tudo aquilo que você recebe: palavras, frases, diálogos etc., tanto na forma escrita quanto oral.

3 PERCURSO DA MÚSICA COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO AO LONGO DA HISTÓRIA

Ao buscar definir a música, Wronski (1776-1853) concebe-a como uma manifestação da inteligência presente no som. Para ele, a música vai além de sua função estética ou sensorial, sendo vista como uma expressão concreta da racionalidade e da ordem universal. A música é uma das manifestações culturais mais antigas da humanidade, pois sempre exerceu uma função que vai além do entretenimento. Ademais, sua relação com o aprendizado é histórica, isso porque ela vem desempenhando papéis fundamentais na transmissão de conhecimento, na preservação de culturas e na formação de valores. Desde os primórdios das civilizações até a contemporaneidade, a música tem sido reconhecida como um poderoso recurso didático, adaptando-se aos contextos e necessidades de cada época. Conforme a Figura 1 é possível observar uma síntese do percurso da música ao longo dos anos.

Figura 1 – Linha de tempo do percurso da música



Elaboração: Organizado pela autora (2025)

3.1 A MÚSICA NA IDADE MÉDIA

Para começar, a Idade Média foi marcada pelo forte poder religioso e pelo uso da música, que teve um papel significativo na formação e disseminação de conhecimentos religiosos, culturais e sociais, especificamente em instituições religiosas como a Igreja Católica. O uso da música, desde então, usada como ferramenta espiritual é remontado a relatos bíblicos, como na passagem de Josué 6:1-20, que descreve a queda da muralha de Jericó. Nesse episódio, o som das trombetas e os clamores do povo de Israel foram instrumentos fundamentais na realização de um evento milagroso, simbolizando a força da fé e a obediência a Deus. Logo, esse uso da música como um canal de transformação espiritual reflete o papel do canto gregoriano na Idade Média, onde as melodias litúrgicas não apenas adornavam os rituais, mas também transmitiam valores cristãos e aproximavam os fiéis do sagrado. Como aponta Tame (1984):

Para as principais civilizações da antiguidade, o som organizado inteligentemente representava a mais elevada de todas as artes, e a música — a produção inteligente do som através de instrumentos musicais e das cordas vocais — a mais importante das ciências, o caminho mais poderoso da iluminação religiosa e a base de um governo estável e harmonioso (TAME, 1984, p. 19).

Essa visão de Tame (1984), testifica o poder transformador que a música possui, e reflete no uso dos cânticos litúrgicos medievais, que atuavam como um elo entre o divino e a humanidade.

Em paralelo, a Bíblia também era fundamental no contexto religioso e educacional, e muitos dos cânticos litúrgicos medievais eram baseados em textos bíblicos, como os Salmos, Cânticos e outros escritos do Antigo e Novo Testamento. De acordo com Grout e Palisca (2007, p. 55) “os principais momentos musicais dos ofícios são o canto dos salmos, com as respectivas antífonas, o canto dos hinos e dos cânticos e a entoação das lições (passagens das Escrituras)”. A começar pelo Salmos 150: 3-5, por exemplo, que instrui:

Louvai-o com som de trombeta; louvai-o com saltério e harpa!
Louvai-o com adufes e danças; louvai-o com instrumentos de cordas e flauta!
Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos retumbantes! (BÍBLIA SAGRADA, Salmos 150: 3-5, p. 663).

Este versículo ilustra o papel da música na tradição religiosa medieval, e confirma a fala de Grout e Palisca (2007). Do mesmo modo, este Salmos é um dos textos mais conhecidos que destacam a importância da música como forma de louvor a Deus, com um elenco variado de instrumentos musicais, o que demonstra a diversidade sonora presente nas práticas rituais. Na época medieval, os cânticos e hinos eram frequentemente baseados em passagens bíblicas como esta, e se tornava um canal para a transferência de ensinamentos religiosos.

Além disso, o Salmos 98: 4-6 assim como o salmos anterior, também enfatiza o papel da música no louvor a Deus, com um apelo para a alegria e celebração:

Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os confins da terra!
aclamai, regozijai-vos e cantai louvores.
Cantai com harpa louvores ao Senhor, com a harpa e a voz do canto.
Com trombetas e ao som de buzinas, exultai perante o Senhor, que é rei.
(BÍBLIA SAGRADA, Salmos 98: 4-6, p. 632)

Desse modo, esse versículo complementa o Salmos 150, reforçando a ideia da diversidade de instrumentos e a importância da música nas práticas religiosas, que até hoje faz-se necessário o uso delas nas igrejas tanto católica quanto evangélicas, principalmente antes da celebração do culto / missa. Ademais, ao retratar a bíblia no costume religioso medieval como parte essencial das tais práticas, ela era lida e cantada exclusivamente em latim, pois o canto gregoriano era sempre entoado na língua de sua origem, o que por certo, era incompreendido pelos fiéis muitas vezes. Entretanto, a música os ajudava a internalizar os conceitos e valores religiosos que eram repassados a eles. Diante disso, é incontestável que a música, no entanto, foi a arte mais sutil que alavancou o conhecimento religioso daquela época, realçando ainda mais o valor que ela possuía e possui até nos dias de hoje, e aproximando os do Ser supremo através dela.

Dito isto, além da música servir para reforçar a mensagem bíblica, ela era utilizada para ensinar os princípios da fé cristã, pois por muito tempo foi utilizada como um recurso didático dentro das escolas monásticas e catedrais. Dentro dos monastérios, por exemplo, os estudantes aprendiam a cantar intervalos, a memorizar cânticos e, mais tarde, a ler notas a partir da pauta, além de terem treinamentos musicais que promoviam o aprendizado da língua latina. Ou seja, a música não apenas fazia parte das cerimônias litúrgicas, como também se tornou uma ferramenta pedagógica essencial para a transmissão de saberes.

Contrapondo-se à música no contexto religioso, a música secular começou a se desenvolver com o movimento trovadoresco, surgido nas cortes medievais por meio de trovadores, cortesãos e menestrelis. Essas canções trovadorescas, compostas em línguas vernáculas, desempenhavam uma função educativa e cultural ao expressarem sentimentos de amor, saudade e guerra. Segundo Andrade (1944/87, p. 60, *apud* Loureiro, 2001, p. 41) diz o seguinte:

“Mui provavelmente por influxo da quotidianidade musical profana que os menestrelis davam às cortes e castelos, é que os nobres, sem nada que fazer, principiaram inventando cantigas também (sec. IX a XIII). Estes foram os trovadores (Troubadours, Trouvères) da França, e da Alemanha (Minnesaenger), a cujo exemplo se formou o trovadorismo europeu, fixador de línguas, influenciador de músicas, primeiro reflexo étnico das nações na música do Cristianismo (LOUREIRO, 2001, p. 41).

Logo, essas composições serviam como veículos para a transmissão de valores sociais e culturais, além de promoverem a preservação de costumes e tradições. Embora o trovadorismo tenha se consolidado como uma expressão artística sofisticada das elites, é importante reconhecer que o acesso à música e à educação permaneceu restrito à nobreza, em um contexto de grande desigualdade social e analfabetismo.

Dessa forma, a música no período medieval desempenhou um papel essencial tanto no contexto religioso quanto secular. No âmbito religioso, foi um instrumento de conexão com o divino que é uma ferramenta didática para a formação teológica e cultural. Já no campo secular, as canções trovadorescas não apenas contribuíram para o entretenimento, mas também para a construção de uma identidade cultural e para a disseminação de valores. Assim, a música consolidou-se como uma força central na preservação e transmissão de saberes na Idade Média, cujos efeitos reverberam até os dias atuais.

3.2 A MÚSICA NO RENASCIMENTO

Inicialmente, para dar ênfase no Renascimento, primeiro é válido defini-lo, a “Renascença não foi um movimento popular; foi um movimento de um pequeno número de eruditos e artistas, encorajados por protetores liberais, principalmente os Médicis e os Papas humanistas” (RUSSELL, 1957, p. 437). Esse período que se estendeu aproximadamente entre os séculos XIV e XVII por toda a Europa, marcou uma profunda transformação cultural e artística, pautada pelo retorno aos ideais clássicos de equilíbrio, ordem e beleza.

Em contrapartida, diferente da Idade Média, onde os mosteiros eram os principais centros de produção cultural, o protagonismo foi assumido pelas cidades-estados italianas, e a música – de estilo polifônico – encontrou novos mecenas entre duques e príncipes que governavam essas regiões. Mas devido a esta alteração, os compositores daquela época começaram a sentir um forte desejo e admiração pelas músicas heréticas, porém, apesar dessa mudança, as artes, incluindo a música, continuavam a manter uma forte conexão com a religião.

Nas cortes aristocráticas, por exemplo, a música frequentemente desempenhava um papel de reforço aos valores espirituais, no livro ‘A Política’, de Aristóteles (2017), ele declara:

4. Será preciso crer que a Música contribua com qualquer coisa para a virtude (porque, assim como a Ginástica dá ao corpo certas qualidades, e Música traz ao caráter certos benefícios, acostumando-se aos prazeres honestos), ou então que ela contribui ao mesmo tempo para o prazer e para o desenvolvimento do espírito? (ARISTÓTELES, 2017, p. 161).

A partir desta perspectiva aristocrática, a música tem um poder transformador que vai além do simples prazer sensorial, atuando como um elemento fundamental na formação moral e espiritual do ser humano. Essa visão filosófica, ademais, influenciou fortemente o pensamento do Renascimento, onde a música foi vista como um veículo para cultivar a harmonia não apenas no plano individual, mas também na sociedade.

Durante o Renascimento, a música renascentista, com sua busca pela harmonia e equilíbrio, refletia essa concepção aristotélica de que a música poderia moldar o caráter e elevar o espírito. Assim, alguns compositores da época, como Giovanni Palestrina, procuraram criar obras que não só encantavam os ouvintes, mas também transmitiam uma ordem e serenidade que estavam alinhadas com os princípios

humanistas que, por sua vez, estavam inspirados em ideias filosóficas antigas, como as de Aristóteles.

Por fim, a música não era apenas um prazer estético ou um entretenimento; ela desempenhava um papel fundamental na educação moral e na edificação espiritual dos indivíduos, algo que se alinha tanto com o conceito aristotélico quanto com a visão dos pensadores renascentistas que viam nas artes um meio para alcançar um ideal de vida plena e virtuosa.

3.3 A MÚSICA NO ILUMINISMO

O Iluminismo, ou século das Luzes como famosamente era conhecido, foi representado por uma era de profunda transformação cultural e intelectual, pautada pelo racionalismo, pela ciência e pela valorização da educação como meio de progresso. Segundo Cassirer (1992, p. 22), “Não existe um século que tenha sido tão profundamente penetrado e empolgado pela ideia de progresso intelectual quanto o século das Luzes”. Essa mentalidade de Cassirer influenciou também o universo musical, que passou a ser entendido como um reflexo da razão humana e instrumento de civilização. Em contrapartida, Rousseau (1958), outro iluminista, complementa a mesma ideia de Cassirer quanto a música, quando ressalta:

A melodia, imitando as inflexões da voz, exprime as lamentações, os gritos de dor ou de alegria, as ameaças, os gemidos. Devem-se lhe todos os sinais vocais das paixões. Imita as inflexões das línguas e os torneios ligados, em cada idioma, a certos impulsos da alma. Não só imita como fala, e sua linguagem, inarticulada, mas viva, ardente e apaixonada, possui cem vezes mais energia do que a própria palavra. Disso provém a força das imitações musicais e nisso reside o império do canto sobre corações sensíveis (ROUSSEAU, 1958, p. 312).

Para o iluminista, a música, especialmente a melodia, possuía um poder inigualável de transmitir emoções humanas de maneira viva e apaixonada, conectando as paixões à razão. Essa visão, outrossim, reforça o papel da música no Iluminismo, como uma expressão tanto do progresso intelectual quanto da sensibilidade humana, equilibrando os valores emocionais e racionais que demarcaram a época.

Embora a música tenha sido bastante discutida e defendida por alguns iluministas daquele período, é importante frisar que, foi no Iluminismo a música

começou a se afastar gradativamente das influências exclusivamente religiosas, que, até então, dominavam durante a Idade Média e o Renascimento, dando um maior enfoque na música secular, especialmente na forma sinfônica e nas óperas. Entretanto, compositores como Haydn e Mozart, buscaram integrar os princípios iluministas em suas obras, promovendo uma música mais acessível, lógica e equilibrada. Tanto que, em suas composições, a razão e a clareza se tornaram essenciais, refletindo a busca pela verdade e pela harmonia, características centrais do pensamento iluminista.

A propósito, foi nessa época que surgiu a ideia de que a música, como as outras artes, deveria ser uma ferramenta de educação pública. Assim, esta arte se tornou uma parte importante das novas instituições educacionais e das cortes, onde as performances musicais se tornaram uma forma de entretenimento sofisticado e uma demonstração de virtude e civilidade. Em um contexto mais amplo, ela contribuiu para a formação de uma sociedade mais iluminada e racional, alinhada com os ideais do movimento.

Em resumo, a música no Iluminismo refletiu os ideais de racionalidade, clareza e simplicidade que estavam em ascensão na filosofia e na ciência da época. A partir de compositores como Haydn e Mozart, a música passou a ser vista como uma forma de comunicação universal e uma maneira de expressar a busca pela verdade e pela ordem. Ao mesmo tempo, a música também manteve suas raízes em aspectos emocionais e expressivos, mas sempre dentro de uma estrutura mais controlada e previsível, alinhada aos novos valores da época.

3.4 A MÚSICA NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

A música, como traçado anteriormente, sempre esteve presente em diversas situações da vida humana, e foi um elo importantíssimo para a transmissão de saberes, valores espirituais, e outras descobertas. No contexto educacional contemporâneo, a música continua sendo uma ferramenta pedagógica poderosa e servindo como uma ponte de transmissão de conhecimento com potencial para transcender barreiras linguísticas, culturais e emocionais. Todavia, diferentemente das épocas anteriores, em que a música estava restrita a contextos religiosos ou aristocráticos, atualmente ela passou por uma grande transformação e é empregada

como recurso didático em diversas áreas de ensino, incluindo o ensino de línguas estrangeiras.

Nesse cenário, a abordagem contemporânea reconhece a música não apenas como um meio de distração, mas como um instrumento de construção do conhecimento, com a finalidade de engajar os estudantes de forma dinâmica e significativa durante as aulas. Segundo Gardner (2002, p. 78), em sua teoria das inteligências múltiplas, “De todos os talentos com que os indivíduos podem ser dotados, nenhum surge mais cedo do que o talento musical”. Logo, ao reconhecer que o talento musical surge de maneira precoce, Gardner (2002) vê a música como uma ferramenta inclusiva, capaz de atingir diferentes estilos de aprendizado. No contexto do ensino de Língua Estrangeira (LE), por exemplo, isso pode significar que mesmo os alunos com dificuldades em métodos tradicionais, podem encontrar na música uma maneira mais acessível e eficaz de aprender.

Salienta-se ainda que, apesar do papel da música ter sofrido várias mudanças, há resquícios do passado que se aplicam até hoje, como por exemplo, a forma como a música pode ser empregada na absorção e retenção do conteúdo durante os ensinamentos. Hoje, no ensino de LE, por exemplo, a música mantém a pragmática desempenhando um papel crucial na criação de um ambiente interativo e motivador, facilitando a aprendizagem de vocabulário, pronúncia e estruturas gramaticais. Ademais, as canções, ritmos e melodias atuam como facilitadores da memorização e da prática oral, promovendo o aprendizado natural e contextualizado como eram feitos nos mosteiros durante a Idade Média.

Em seguida, Faria (2001) *apud* Zotto (2018), p. 32 diz que: “a música constitui um aporte importante na aprendizagem, haja vista que a criança desde pequena já ouve música cantada pela mãe, para acalmar, acalentar ou dormir”. Complementando a visão pautada por Faria (2001), é óbvio reconhecer que a música sempre teve uma relação intrínseca ao longo da vida do ser humano e desde muito cedo a criança é exposta à música de forma natural. O poder que ela possui de desenvolver as mais importantes habilidades do indivíduo como, fala e escuta, é o mesmo que influencia no desenvolvimento da área emocional e sentimental dos mesmos.

Tame (1984, p. 13), confirma o presente argumento a respeito da música na vida do homem, quando diz: “Acredita-se que é vasto o seu efeito sobre as emoções e desejos do homem, e os pesquisadores estão apenas começando a suspeitar-lhe da extensão da influência até sobre os processos puramente intelectuais e mentais”.

Essa afirmação, convida a uma reflexão sobre o papel abrangente da música em nossa vida cotidiana e em nosso desenvolvimento como seres humanos.

Depois da vasta evolução que a música passou, hoje existe uma ampla diversidade de estilos e temas, que permitem abordar questões socioculturais relevantes, promovendo a reflexão crítica e a empatia dentro das instituições de ensino, o que ajuda mais ainda o seu uso pelo mediador nas aulas. De tal forma que, ao trabalhar com letras de músicas atuais, por exemplo, os professores podem explorar conteúdos que ressoem com a realidade do aluno-ouvinte, conectando o aprendizado linguístico à vivência prática.

Em síntese, a música pode continuar contribuindo e se destacando como uma ferramenta de inclusão, possibilitando que os aprendizes com diferentes estilos de aprendizagem e habilidades se conectem ao conteúdo de maneira significativa e se desenvolvam. Haja vista que, a incorporação de músicas em sala de aula atende às demandas de uma educação inovadora, que prioriza a interação, a criatividade e a motivação como pilares do processo de ensino-aprendizagem.

4 *CHUNK OF LANGUAGE* COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA NA AULA DE LÍNGUA INGLESA: UMA ABORDAGEM COMUNICATIVA

Em um mundo amplamente globalizado, a aprendizagem de língua inglesa vem ganhando destaque em diversas esferas sociais, sendo considerada uma ferramenta indispensável para a comunicação intercultural e o acesso a novas oportunidades. No entanto, no campo educacional, essa temática ainda carece da valorização necessária. Muitas vezes, o ensino de línguas estrangeiras é conduzido de forma tradicional, com foco excessivo em regras gramaticais e traduções literais, o que pode acarretar na desmotivação dos alunos e limitar sua capacidade de desenvolver habilidades comunicativas efetivas.

Diante dessa realidade, infelizmente, tanto professores quanto alunos enfrentam desafios estruturais, especialmente nas escolas públicas. Entre esses problemas, está a baixa carga horária destinada ao ensino de línguas estrangeiras. Geralmente, as aulas de inglês têm duração insuficiente para que os alunos desenvolvam as habilidades linguísticas de forma adequada, principalmente a compreensão auditiva e a oralidade. Esse cenário é ainda mais agravado pela falta de recursos didáticos modernos e pela carência de formação continuada para educadores.

Assim, a combinação desses fatores perpetua um ensino limitado e pouco atrativo, evidenciando a necessidade de estratégias pedagógicas inovadoras. Essas estratégias devem buscar não apenas a ampliação das práticas comunicativas, mas também o engajamento dos alunos, tornando o aprendizado da língua inglesa mais dinâmico, relevante e compatível com as demandas do mundo globalizado.

Segundo um estudo realizado,

Vygotsky e Piaget (o primeiro em meados dos séculos XX e o outro nos anos 1960 e 1970) são psicólogos que se preocuparam com o modo como as pessoas aprendem; eles criaram a psicologia cognitiva que explicava a efetividade limitada das abordagens tradicionais e mecânica no que diz respeito ao ensino de línguas. Essas teorias formam a base das abordagens natural – comunicativas (ANNA; SPAZIANI; GÔES; 2014, p. 14).

Dessa forma, ao refletirmos sobre as limitações das abordagens tradicionais, podemos perceber a importância das teorias de Vygotsky e Piaget, que enfatizam a aprendizagem ativa, a interação social e o desenvolvimento cognitivo. Para Vygotsky, o processo de aprendizagem é mediado pela interação social e pela linguagem, sendo

fundamental a colaboração com professores e colegas mais experientes para a construção do conhecimento. Sendo assim, essa visão está intimamente conectada à abordagem comunicativa, que tem como foco a prática da língua em contextos reais de comunicação e na produção de sentido.

No entanto, para que esse cenário seja transformado, é essencial que os preceptores se envolvam em uma formação continuada, que possibilite o desenvolvimento de competências que os capacitem a implementar abordagens pedagógicas diversificadas e eficazes. Além disso, é necessário que as políticas educacionais ofereçam maior suporte, tanto na ampliação da carga horária dedicada ao ensino de línguas quanto na disponibilização de recursos didáticos e tecnológicos modernos, que são fundamentais para tornar o ensino da língua inglesa mais atrativo e eficiente.

Nesse contexto, uma estratégia pedagógica que se destaca por sua eficácia no desenvolvimento da fluência e da competência comunicativa dos alunos é a utilização dos *chunks of language*. Esse termo refere-se a unidades fixas ou semifixas da língua, compostas por duas ou mais palavras que frequentemente aparecem juntas em contextos naturais. Diferente da abordagem tradicional, em que os alunos aprendem palavras isoladas e regras gramaticais de forma fragmentada, os *chunks* possibilitam a internalização da língua de maneira mais intuitiva e funcional.

Seu funcionamento baseia-se na memorização e no reconhecimento de padrões. Em vez de decorar palavras isoladas, os alunos aprendem combinações que já são empregadas por falantes nativos, como expressões idiomáticas, coligações verbais e frases comuns no cotidiano. Isso facilita a comunicação, melhora a fluência e reduz a sobrecarga cognitiva ao formular sentenças, pois os aprendizes passam a recorrer a estruturas prontas e não à construção fragmentada de enunciados.

Portanto, ao invés de aprender isoladamente os termos ‘*waiting*’, ‘*for*’ e ‘*so long*’, o aluno pode assimilar diretamente o *chunk* ‘*I’ve been waiting for so long*’. Esse tipo de abordagem fortalece a compreensão contextual, tornando o aprendizado mais próximo do uso real da língua e mais motivador para os estudantes. A aplicação dos *chunks* no ensino será discutida mais detalhadamente na seção 4.3, onde serão apresentadas estratégias e atividades práticas.

4.1 A ABORDAGEM COMUNICATIVA (*Communicative Approach*)

Durante muito tempo, alguns métodos foram desenvolvidos e até mesmo aplicados ao contexto educacional de línguas estrangeiras como, método de leitura, método funcional, método cognitivo e, principalmente, o método da gramática-tradução. Entretanto, nenhum deles conseguiu alcançar um ponto em que a comunicação fosse efetivamente utilizada como eixo central do aprendizado.

Sendo assim, a abordagem comunicativa surgiu como uma resposta à rigidez das abordagens tradicionais, que enfatizavam a gramática normativa e a tradução literal. Ademais, David Wilkins (1976), um linguista britânico, foi o maior crítico dos métodos tradicionais, como o de Gramática-Tradução, que enfatizava apenas o ensino de regras gramaticais e a tradução literal de textos. O teórico acreditava que esses métodos não preparavam os alunos para usar a língua de maneira prática em situações do dia a dia, visto que o foco em regras e traduções limitava a capacidade de comunicação e a fluência.

Similarmente, além do teórico Wilkins (1976), outros teóricos linguísticos e psicolinguísticos serviram de inspiração para a Abordagem comunicativa como por exemplo, as ideias de Dell Hymes (1974) e Michael Halliday (1985), embora, eles não tivessem concentrado exclusivamente neste método, suas contribuições serviram como pilares essenciais para moldar as ideias que formam a base da Abordagem comunicativa onde o método de abordagem comunicativa tem como propósito priorizar a utilização da língua de forma prática e funcional, com o objetivo de desenvolver as competências comunicativas dos alunos em contextos autênticos.

Em contraste com métodos anteriores, que viam a língua como um conjunto de regras a ser aprendido de forma isolada, a abordagem comunicativa considera que a principal função da língua é a comunicação, como o próprio nome já informa. Portanto, o foco do ensino se desloca da mera aprendizagem de estruturas gramaticais para o uso da língua em situações reais de interação social, envolvendo a compreensão e a produção oral e escrita. Assim, os alunos são incentivados a interagir, a negociar significados e a solucionar problemas de comunicação no idioma-alvo.

De acordo com Richards e Rodgers (2001, p. 20), “a abordagem se refere a teorias sobre a natureza da linguagem e do aprendizado de línguas que servem como fonte de práticas e princípios no ensino de línguas”. Essa perspectiva ressalta, portanto, a flexibilidade no ensino, permitindo que os conteúdos abordados sejam

adaptados ao contexto e aos interesses dos alunos, principalmente, quanto às atividades desenvolvidas em sala de aula e tarefas que estimulam a comunicação.

No livro “As principais metodologias de ensino de língua inglesa no Brasil” de Anna, Spaziani e Góes (2014), elas reforçam essa conceituação quanto às atividades em sala de aula, quando ela pontua as principais características deste método. Segundo as autoras, “o material e as atividades em sala são embasados em materiais autênticos a fim de que remetam a língua às situações reais de uso” (2014, p. 107). Essa ideia fornecida, engloba o uso de diversos recursos didáticos autênticos, como músicas, *role-play* (dramatização), filmes, textos jornalísticos, propagandas e outros elementos que representam a língua em seu uso cotidiano, pois esses materiais e atividades promovem a conexão do conteúdo com a realidade, aumentando o engajamento dos alunos. No caso específico da música, por exemplo, ela pode ser usada para trabalhar vocabulário, pronúncia, expressões idiomáticas e aspectos culturais, enquanto os *role-play* (dramatização) simulam situações do dia a dia, como pedir informações ou participar de entrevistas, incentivando a prática oral e a interação social.

No contexto brasileiro, infelizmente, é vasto o desafio que a abordagem comunicativa apresenta devido às condições estruturais e à falta de recursos em muitas escolas, especialmente nas redes públicas. No entanto, sua implementação tem sido defendida por diversos estudiosos, que destacam a importância de tornar o ensino de língua inglesa mais dinâmico e centrado no aluno, o que torna a aprendizagem mais significativa e relevante.

Para resumir, esta abordagem transmite ao ambiente educativo diversas pontes de conhecimentos que manterá a comunicação fluida, agradável e dinâmica entre professores e alunos. Logo que, a implementação deste método propõe um modelo de ensino que busca promover o aprendizado ativo e interativo da língua inglesa, tornando os alunos mais preparados para usar o idioma de forma eficaz em suas interações cotidianas, ao mesmo tempo em que valoriza a construção do conhecimento por meio da interação social e do uso real da língua.

4.2 VYGOTSKY E O SOCIOINTERACIONISMO

Respalhando o que foi abordado anteriormente sobre a interação social, é de suma importância compreender que esse processo é essencial na construção de saberes de qualquer ser humano e principalmente para o desenvolvimento da linguagem. Partindo disso, Lev Vygotsky (1997) foi um psicólogo soviético que buscou a definição dos estágios do desenvolvimento cognitivo e social humano. Para ele, o desenvolvimento cognitivo humano é fortemente influenciado pelas interações sociais e pelo ambiente cultural no qual o indivíduo está inserido. Para o referido autor, o aprendizado ocorre primeiramente no nível social, por meio da interação com os outros, para, em seguida, ser internalizado no nível individual.

Oliveira (1997, p. 60) em seu livro sobre o aprendizado e desenvolvimento na perspectiva de Vygotsky (1997), confirma a importância da interação social quando diz:

A ideia de nível de desenvolvimento potencial capta, assim, um momento do desenvolvimento que caracteriza não as etapas já alcançadas, já consolidadas, mas etapas posteriores, nas quais a interferência de outras pessoas afeta significativamente o resultado da ação individual (OLIVEIRA, 1997, p. 60).

Logo, é indubitável a manifestação positiva do aprendizado quando o indivíduo está inserido em um ambiente interativo, no qual ocorrem múltiplas trocas de conhecimentos. Esse contexto facilita a mediação e permite que o aluno transcenda seus limites atuais, alcançando novas etapas de desenvolvimento.

Portanto, entende-se que o estudo da linguagem vai além de sua estrutura linguística, conectando-se diretamente aos contextos sociais e culturais nos quais está inserida. Como bem afirmado por Hymes (1977),

não é a linguística, mas a etnografia, não a linguagem, mas a comunicação, que deve fornecer o quadro de referência dentro do qual o lugar da linguagem na cultura e na sociedade deve ser avaliado (HYMES, 1977; p. 4).

Essa perspectiva dialoga com a teoria de Vygotsky (1997), que enfatiza a importância do contexto social e cultural como mediador essencial no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, destaca-se o processo de interiorização descrito por Vygotsky, no qual as operações realizadas no plano externo, por meio da interação social, são gradualmente interiorizadas e transformadas no plano interno do indivíduo. Como

afirma Vygotsky (1896-1934; p. 50), "Chamamos ao quarto estágio, estágio de "crescimento interno". As operações externas interiorizam-se e sofrem uma profunda transformação durante esse processo".

Nessa perspectiva, é durante este processo em que a criança passa a utilizar funções lógicas superiores, como a memória lógica. Em outras palavras, a criança não apenas irá reproduzir uma gamificação de informações decorada, como também aplicará um raciocínio para lidar com uma nova situação com base em princípios ou padrões que já foram compreendidos anteriormente. Sendo assim, esse estágio ilustra como o conhecimento, inicialmente construído por meio da mediação de outros, é transformado em capacidades cognitivas independentes, fundamentais para o aprendizado significativo.

Ainda nesse contexto, Vygotsky (1896) aborda a questão de um dos conceitos mais relevantes da sua teoria, que é a Zona de Desenvolvimento Proximal, conhecida como (ZDP). Esta teoria é definida como a distância entre o que um aluno consegue realizar sozinho e o que ele pode alcançar com a ajuda de um mediador, como um professor ou um colega mais experiente. Pressuposto a isto, dentro dessa zona, a aprendizagem é potencializada, pois o aluno é desafiado a ultrapassar seu nível atual de conhecimento, com apoio, até atingir a independência.

No aprendizado de línguas estrangeiras, especificamente no ensino da língua inglesa, a atuação do professor como mediador é essencial. Ele assume um papel fundamental ao guiar os alunos em sua ZDP, oferecendo suporte, estratégias e ferramentas que facilitam a construção do conhecimento. Essa mediação exige uma abordagem sensível às necessidades individuais dos alunos, adaptando-se ao ritmo e às dificuldades de cada um. Assim, o professor não apenas transmite conteúdos, mas também cria oportunidades de interação e prática que auxiliam no desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas mais complexas.

4.3 O PAPEL DO DOCENTE E O USO DE *CHUNK LANGUAGES* NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

O ensino de línguas estrangeiras, em específico o inglês, tem se modificado ao longo das últimas décadas, especialmente no que diz respeito às metodologias utilizadas em sala de aula. Nesse contexto, o papel do docente tornou-se ainda mais essencial, exigindo habilidades que transcendem a mera transmissão de conteúdos gramaticais. Haja vista que, ele é o responsável por criar um ambiente interativo, significativo e que incentiva os alunos a aprenderem de maneira natural e contextualizada.

Desta maneira, para que o docente ministre suas aulas e mantenha o ambiente agradável, ele pode estar utilizando a música na sua classe para incrementar e acelerar o aprendizado dos alunos. Mas para que isso ocorra, o educador deve conhecer bem o recurso que abordará na turma e, é necessário que ele também conheça seus alunos para que possa aplicar a técnica com êxito.

Após ponderar sobre tudo isso, chegamos ao questionamento mais valioso: Como a música pode ser implementada como um recurso didático não convencional no ensino de língua inglesa, promovendo um ambiente de aprendizado menos maçante aos alunos?

Segundo Murphey (1992, p. 37), “A música tem o potencial de mudar a atmosfera em uma sala de aula. Ela parece dar energia onde não havia nenhuma, e desencadear imagens quando os alunos reclamam de não ter nada sobre o que escrever”. Seguindo o pressuposto, infelizmente, apesar da diversidade de formas que a música permite ser usada em sala, seu uso ainda é bem restrito por alguns professores de inglês. Isso porque existem diversos fatores que contribuem para este retardo, como por exemplo, falta de engajamento e compromisso dos alunos, carga horária ínfima, dentre outros.

Ademais, para reverter essa realidade nas aulas de língua inglesa, o professor pode estar fazendo alguns questionamentos aos alunos da turma para compreender melhor qual o estilo musical que cada um gosta (*pop, rock, jazz*). Após cada aprendiz expor sua opinião e o professor já tiver escolhido qual a melhor técnica usará, ele escolherá uma música de acordo com o nível do aluno e explicará a eles como funcionará a aplicação desse recurso.

Como exemplo prático do uso de música, podemos considerar a canção *Heaven*, de Bryan Adams. Essa música apresenta um grande potencial pedagógico, pois

contém estruturas linguísticas recorrentes, vocabulário acessível e um ritmo que favorece a compreensão auditiva. A escolha dessa música se justifica pelo fato de que sua letra apresenta diversos *chunks of language* que podem ser explorados 30 didaticamente, tais como:

- Thinking about all our younger years – Expressão comum para falar sobre recordações do passado.
- Nothing can change what you mean to me – Estrutura fixa para expressar sentimento em relação a alguém.
- Now our dreams are coming true – Chunk útil para discutir expectativas e realização de sonhos.
- I've been waiting for so long – Construção idiomática para indicar espera por algo durante um longo período.

Para potencializar o aprendizado dos alunos, o docente pode empregar diversas estratégias ao trabalhar com Heaven. Uma atividade eficiente é o preenchimento de lacunas (*fill in the blanks*), onde o professor fornece a letra da música com espaços em branco para que os alunos completem enquanto ouvem a canção. Os *chunks* previamente selecionados podem estar entre as palavras omitidas, incentivando os alunos a se concentrarem na escuta ativa e na identificação das estruturas. Além disso, após a identificação dos *chunks*, os alunos podem ser incentivados a criar frases ou diálogos utilizando essas expressões, por exemplo, com "I've been waiting for so long", os alunos podem elaborar frases relacionadas à sua própria experiência, como "I've been waiting for my birthday to travel".

De certo, a técnica que melhor favorece tanto o professor quanto os alunos são os "*chunks of language*". Luís (1993) *apud* Zhang e Lu (2017, p. 77) "define o bloco lexical como "a linguagem consiste em léxico gramaticalizado" e "abordagem lexical". Ou seja, esses blocos lexicais até então pautados pelo autor nada mais é que os próprios *chunks*. Sua referida fala ainda é ampliada ainda quando complementa dizendo:

Os blocos lexicais são ligeiramente mais fracos em composicionalidade e transparência semântica, mas desfrutam de uso semelhante frequências e alcance mais amplo de usos em diferentes domínios do discurso, formal ou informal. Graças à sua abertura estrutural, eles permitem a substituição flexível da palavra no nó quando necessário por discurso variados domínios e, portanto, uma produtividade relativamente mais forte (LUÍS; 1993, *apud* ZHANG E LU, 2017; p. 78).

Faz-se necessário abrir um ponto bastante importante, porque a ideia desses blocos de palavras ou frases não é fazer com que o aluno leve a tradução de forma literal. Neste caso, a interpretação através do contexto é o ponto de partida ideal para compreender o que está sendo dito. Um exemplo disso é a expressão '*Piece of cake*', se o aluno pegar cada letra dessa frase e traduzir no sentido literal, chegaria a conclusão de que está se referindo a um 'pedaço de bolo', entretanto, no seu sentido figurado o significado é alterado para '*facinho*', que quer dizer que determinada coisa é fácil de fazer.

O uso desta técnica aliada à música, quando aplicada corretamente, faz com que os alunos se empolgam e até passem a enxergar as aulas de língua inglesa atrativa e importantes, mesmo que eles estejam fora do ambiente escolar e escutem em casa, na rua, no shopping, aquela música que foi passada em sala de aula, eles lembrarão dos blocos lexicais que foram aprendidos com a turma e saberá identificar onde estão os *chunks*.

Dito isso, cabe ao professor garantir que os alunos pratiquem os *chunks* de forma contínua e contextualizada. Visando que os estudantes tenham oportunidades de utilizar essas expressões em atividades que simulem situações reais, permitindo que internalizem os *chunks* como partes naturais de sua comunicação.

Outro aspecto fundamental é o feedback oferecido pelo professor. Durante o processo de ensino e prática dos *chunks*, o docente deve estar atento às dificuldades dos alunos, corrigindo erros e reforçando o uso correto das expressões. No entanto, é importante que esse retorno do aluno seja construtivo e que não iniba a participação dos estudantes. Um ambiente de aprendizado seguro e encorajador é crucial para que os alunos se sintam confiantes em arriscar e experimentar o uso dos *chunks*.

Outro ponto a ser destacado é a conexão entre o ensino de *chunks* e as teorias de desenvolvimento cognitivo, como as propostas por Vygotsky (1896). O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), por exemplo, é particularmente relevante nesse contexto. O professor, ao introduzir *chunks* e facilitar sua prática, age como um mediador que auxilia os alunos a avançarem de um nível de competência inicial para um estágio mais avançado. Esse processo permite que os estudantes ultrapassem suas limitações iniciais, desenvolvendo habilidades que não seriam possíveis sem a orientação adequada.

Além disso, o uso de *chunks of language* também prepara os alunos para a comunicação em contextos interculturais. A língua inglesa, sendo uma das mais

utilizadas globalmente, exige que os falantes sejam capazes de compreender e se adaptar a diferentes variações linguísticas e contextos culturais. Nesse sentido, os *chunks* desempenham um papel crucial, pois muitas dessas expressões refletem convenções culturais específicas, como cumprimentos, formas de agradecimento, pedidos e até mesmo expressões idiomáticas.

Por fim, é importante ressaltar que o sucesso do uso de *chunks* depende, em grande parte, da dedicação e criatividade do professor. Ele deve estar constantemente em busca de novas estratégias e recursos para tornar o aprendizado dinâmico e eficaz. Além disso, deve incentivar os alunos a utilizarem os *chunks* fora da sala de aula, seja em conversas com colegas, na interação com materiais autênticos como filmes e músicas, ou mesmo em plataformas digitais que permitam a prática da língua.

Em síntese, o papel do docente no uso de "*chunks of language*" vai muito além da simples apresentação de expressões prontas. Ele envolve planejamento cuidadoso, mediação ativa, criação de atividades significativas e o constante monitoramento do progresso dos alunos. Essa abordagem não apenas facilita a aquisição da língua inglesa, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas que são fundamentais em um mundo cada vez mais globalizado. Assim como afirma a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) 2024 (p. 241):

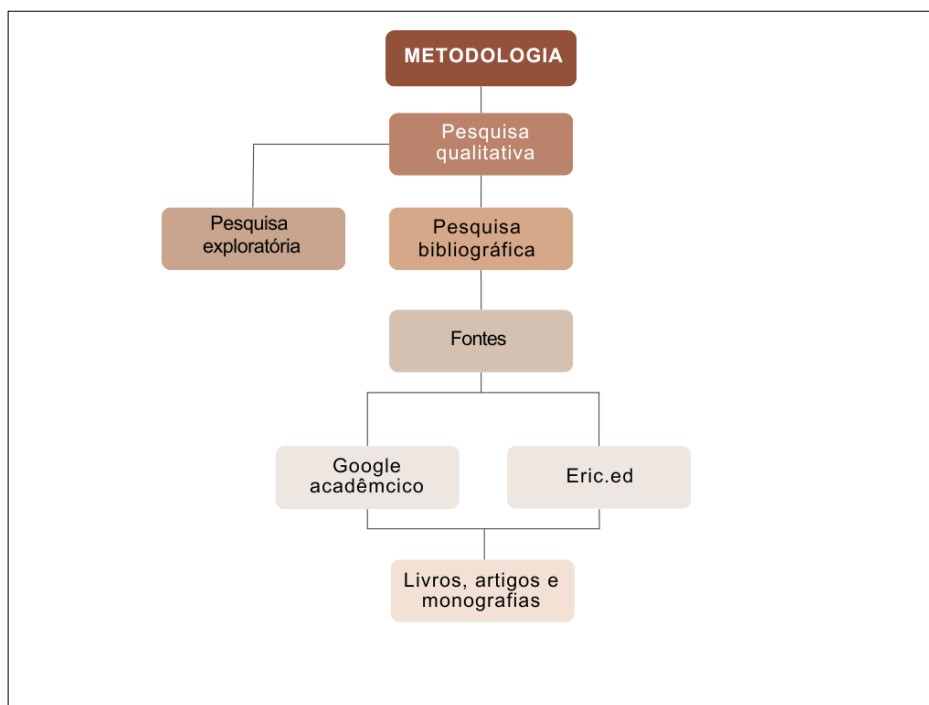
[...] ensinar inglês com essa finalidade tem, para o currículo, três implicações importantes. A primeira é que esse caráter formativo obriga a rever as relações entre língua, território e cultura, na medida em que os falantes de inglês já não se encontram apenas nos países em que essa é a língua oficial [...] (BRASIL 2024, p. 241).

Essa abordagem está alinhada com teorias como as de Krashen (1982), que enfatizam a importância do input compreensível e contextualizado para a aquisição de uma segunda língua. No entanto, é essencial que o professor adapte os "*chunks*" às necessidades reais dos alunos, considerando seus níveis de proficiência, interesses e contextos culturais. Desta forma, a BNCC aponta corretamente que o ensino de inglês deve ser formativo e global, mas isso traz desafios práticos ao professor. É preciso oferecer experiências significativas que representem a diversidade de usos do inglês, o que pode ser limitado pela falta de materiais didáticos representativos ou pelo foco excessivo em culturas anglófonas tradicionais, como a britânica e a americana.

5 METODOLOGIA

Conforme a Figura 2, a pesquisa em desenvolvimento baseia-se na abordagem qualitativa, pois pretende-se adentrar à temática da música no ensino de Língua Inglesa. Essa abordagem consiste em questões muito particulares, pois ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado (MINAYO, 2009). Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, que consiste em material já publicado, principalmente de livros, publicações de periódicos, artigos científicos, dentre outros (PRODANOV; FREITAS, 2013). Quanto a classificação com base nos objetivos essa pesquisa é do tipo exploratória, pois o pesquisador precisa se familiarizar com o objeto de estudo. A pesquisa exploratória tem por finalidade proporcionar informações sobre assuntos a serem investigados, possibilitando sua definição e seu delineamento para facilitar a delimitação do tema da pesquisa. Esse tipo de pesquisa utiliza levantamento bibliográficos, análise de exemplos que estimulem a compreensão (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Figura 2 – Fluxograma das etapas desenvolvidas na pesquisa



Elaboração: Organizado pela autora (2025).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra “As principais metodologias de ensino de língua inglesa no Brasil” de Anna, Spaziani e Góes (2014), contribuiu para a compreensão dos principais métodos, abordagens, técnicas e estratégias para um ensino de inglês diferenciado e interativo. Este livro contribuiu de forma significativa para a pesquisa, pois abordou métodos desde a gramática-tradução até abordagem comunicativa, descrevendo o que cada método retratou em suas diferentes épocas. Dentre esses métodos foi escolhido para o desenvolvimento da pesquisa o método de abordagem comunicativa, que serviu como referência para a técnica escolhida para discussão do trabalho. Ademais, outra obra utilizada que complementa a técnica anteposta foi “Aprendizagem da língua inglesa através da música”, de Lira (2022). A autora sugere o uso dos ‘*chunks of language*’ para o desenvolvimento de aulas inclusivas, diferenciadas e divertidas.

Outros autores que foram primordiais para esta pesquisa foram Lev Vygotsky (1896), Gardner (2002), Krashen (1985). Suas teorias convergem na valorização do aluno como protagonista do aprendizado. Vygotsky, por exemplo, destaca a interação social e o apoio do professor na Zona de Desenvolvimento Proximal como essenciais para o avanço cognitivo; Gardner (2002), com sua Teoria das Inteligências Múltiplas, enfatiza a diversidade de abordagens, como a música, para atender diferentes estilos de aprendizagem; e Krashen (1985) ressalta a importância de conteúdos compreensíveis e de um ambiente motivador para a aquisição natural de uma língua.

“O poder oculto da música” de Tame (1984) foi contribuinte, porque auxiliou na compreensão da influência da música sobre o homem e sobre a sociedade, desde o tempo das antigas civilizações até o presente momento. Sua obra, de fato, aborda os efeitos profundos da música na mente e nas emoções humanas. O autor discute como a música não apenas reflete as condições culturais e espirituais de uma época, mas também influencia diretamente o estado psicológico dos ouvintes. Portanto, sua obra foi essencial para que fosse alcançado o resultado desejado da pesquisa.

Contudo, autores como, Platão (2020), Aristóteles (2017), Rousseau (1958), Russell (1957), Grout; Palisca (2007) e Nietzsche (2001) contribuíram significativamente para a compreensão do papel da música e da educação na formação humana, cada um com perspectivas distintas, porém complementares. Platão via a música como essencial para moldar o caráter moral, enquanto Aristóteles ampliou essa visão, considerando-a também importante para o lazer e a purificação

emocional. Rousseau (1958), por sua vez, destacava a música como expressão genuína das emoções, alinhada à sua proposta de uma educação natural e sensível. Nietzsche (2001), enxergava a música como uma força vital que transcende a racionalidade, conectando o ser humano às suas emoções mais profundas. Grout e Palisca (2007) contribuíram com uma perspectiva histórica, mostrando como a música evoluiu como ferramenta de comunicação e expressão cultural ao longo do tempo, enquanto Russell defendia abordagens educativas criativas e dinâmicas, enfatizando a liberdade e o pensamento crítico.

Embora suas visões apresentem divergências, como a rigidez moralista de Platão em contraste com a abordagem emocional de Rousseau (1958) e Nietzsche (2001), há uma convergência na valorização da música como instrumento essencial para a educação e o desenvolvimento humano. Essas perspectivas fundamentam o uso da música como recurso didático no ensino de inglês, destacando sua capacidade de engajar, emocionar e motivar os alunos, enquanto promove o aprendizado de maneira mais dinâmica e significativa.

Da mesma maneira, outros autores utilizados foram Hymes (1977) e Richards; Rodgers (1896). Ambos os autores trouxeram contribuições significativas para o campo do ensino de línguas. Hymes (1977) foi um dos pioneiros a destacar a competência comunicativa, enfatizando que aprender uma língua não se limita à gramática e ao vocabulário, mas também ao uso contextual da linguagem para se comunicar de forma eficaz. Essa visão desafiou o ensino tradicional e abriu espaço para metodologias mais interativas e centradas no aluno.

Por outro lado, Richards e Rodgers (1986) são conhecidos por sistematizar e classificar abordagens e métodos de ensino de línguas, oferecendo uma base sólida para que educadores compreendessem as diferentes filosofias e práticas pedagógicas. Eles analisaram métodos como o comunicativo, o audiolingual e o direto, destacando seus pontos fortes e limitações, o que contribuiu para uma escolha mais consciente e eficaz na aplicação de técnicas didáticas em sala de aula. Juntas, essas obras reforçam a necessidade de integrar a teoria e a prática, priorizando não apenas o que se ensina, mas também como e por quê.

Tim Murphey (1992), em sua obra *"Music and Song"*, destacou o papel fundamental da música no aprendizado de línguas estrangeiras, enfatizando seu impacto na motivação, memorização e engajamento dos alunos. O referido autor argumenta que músicas e canções são ferramentas poderosas porque conectam

aspectos emocionais e cognitivos, criando uma atmosfera de aprendizado mais descontraída e significativa. Ele também defende que a repetição natural presente em músicas facilita a internalização de estruturas linguísticas e vocabulários, contribuindo para o desenvolvimento da fluência. Essa perspectiva alinhou-se às abordagens comunicativas e interativas no ensino de línguas, mostrando como a música pode ser usada não apenas para entreter, mas também para promover uma aprendizagem mais eficaz e envolvente. A obra de Murphey (1992) é especialmente relevante para práticas pedagógicas que buscam inovar e motivar os alunos, inserindo elementos culturais e emocionais no processo de ensino-aprendizagem.

Noam Chomsky (1998) é amplamente reconhecido por sua teoria da gramática gerativa e pela distinção entre competência linguística (o conhecimento interno da língua) e desempenho linguístico (o uso prático da língua). Embora tenha influenciado o campo da aquisição de línguas, ele não esteve diretamente associado ao método de abordagem comunicativa, que enfatiza o uso funcional da linguagem em contextos sociais e interativos. Entretanto, suas teorias contribuíram para a pesquisa, ao fundamentar a ideia de que o aprendizado de línguas pode ser apoiado por estímulos variados, como a música, que potencializam a ativação da competência linguística.

7 CONCLUSÃO

Este estudo, cujo tema foi “O uso da música como recurso didático não convencional no ensino de língua inglesa”, buscou investigar como práticas inovadoras podem tornar o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e eficiente. A pergunta norteadora, “Como é viável implementar um ensino revolucionário nas aulas de língua inglesa, de forma que esse processo não se torne maçante para os alunos?”, orientou a pesquisa, que teve como principal objetivo analisar o potencial pedagógico da música em contextos educacionais.

A revisão bibliográfica revelou que a utilização de canções nas aulas de inglês favorece não apenas a memorização e a motivação dos alunos, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e culturais. Teóricos como Vygotsky (1896), Gardner (2002), Krashen (1985) e Murphey (1992) demonstraram, sob diferentes perspectivas, que a aprendizagem é potencializada em contextos interativos e significativos. A música, nesse cenário, atua como mediadora de conteúdos linguísticos e culturais, criando oportunidades para uma abordagem holística do ensino de línguas. Contudo, destacaram-se desafios como a necessidade de formação docente para selecionar e utilizar recursos musicais de forma pedagógica e eficaz.

Esta pesquisa contribui para o campo educacional ao evidenciar que o uso da música nas aulas de inglês é uma estratégia viável e rica em potencial para promover o aprendizado. Além de estimular uma maior conexão emocional com o idioma, a música favorece a inclusão de práticas que vão além do ensino tradicional, integrando competências linguísticas e culturais. Futuras pesquisas poderiam explorar, de forma prática, o impacto da música em diferentes contextos escolares e com públicos variados, investigando ainda mais as possibilidades do uso de *chunks* e outras estratégias comunicativas no ensino.

Por fim, este estudo reafirma que o uso da música como recurso didático no ensino de língua inglesa tem implicações positivas para a área de educação, pois contribui para a criação de um ambiente de aprendizado mais dinâmico, motivador e inclusivo. Além disso, essa abordagem abre caminhos para uma educação mais conectada com a realidade e os interesses dos alunos, promovendo não apenas o aprendizado da língua, mas também uma experiência cultural enriquecedora.

REFERÊNCIAS

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. 2. reimpressão. Tradução de Sandra Costa. São Paulo: Editora, 2002.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro. E-book, 1ª edição, 2020.

SILVA, Cristiane; RIBEIRO, Isabela; CRESTANI, Keila; GODK, Bruna. **A música como ferramenta de ensino-aprendizagem na língua inglesa**. monografia (graduação em Letras Português e Inglês). FAE Centro Universitário, Paraná, 2020.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. 2. ed. rev. ampl. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TAME, David. **O poder oculto da música: A transformação do homem pela energia da música**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo, 1984.

RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo, 1957.

DONALD, Grout; CLAUDE, Palisca. **História da música ocidental**. Tradução de Ana Luísa Faria. 5. ed. Lisboa, 2007.

ROUSSEAU, Jean. **Do contrato social: ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo, SP: Editora Nova Cultural Ltda, 1958.

ZOTTO, Mario. **A importância da música no processo de ensino e aprendizagem**. monografia de especialização. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Paraná, 2018.

ANNA, Magali; SPAZIANI, Lídia; GÓES, Cláudia. **As principais metodologias de ensino de língua inglesa no Brasil**. Paco Editorial. São Paulo, 2014.

RICHARDS, Jack; RODGERS, Theodore. **Approaches and Methods in Language Teaching**. 2. ed. Tradução feita pelo Google Tradutor. Cambridge University Press, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição por: Ridendo Castigat Mores; eBooksBrasil, 1896-1934.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. Edição por: Marta Kohl de Oliveira; Scipione, 1997.

HYMES, Dell. **Foundation in Sociolinguistics**. Edição por: Tavistock Publications Limited; traduzido pelo Google Tradutor; New York, 1977.

ZHANG, Ling; LU, Ping. **Lexical Chunks Formulaic Sequences and Yukuai: Study of Terms and Definitions of English Multiword Units**. Traduzido pelo Google Tradutor; College of Foreign Languages; China, 2017.

MURPHEY, Tim. **Music and Song**. series editor Alan Maley; traduzido pelo Google Tradutor; Oxford University Press, USA, 1992.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de; **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo:Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496fb118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf> Acesso em: 13 de set, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisasocial.pdf>. Acesso em: 13 de set, 2024.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Editora da Unicamp, Campinas – SP, 1992.

LOUREIRO, Alícia. **O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório**. Mestrado em educação. PUC - Minas, Belo Horizonte, 2001.

KRASHEN, Stephen. **The input hypothesis**. Tradução pelo Google Tradutor. Editora: Laredo Pub Co, 1985.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente**. Tradução de Lúcia Lobato. Editora Universidade de Brasília. 1998.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **O crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. Tradução de Edson Bini e Márcio Pugliesi. Curitiba - PR, 2001.

ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo, 2017.

COSTA, Rúbia. **Sonoridade narrativa como um processo temporalizante no cinema: a concepção de um roteiro relé**. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música. Belo Horizonte, 2013.

WILKINS, David. **Notional Syllabuses**. Traduzido pelo Google Tradutor. Oxford University Press, 1976.

LIRA, Bruna. **Aprendizagem da língua inglesa através da música**. Fundação de Ensino Superior de Olinda. Pernambuco, 2022.